Notas sobre a trajetória do cartógrafo Francisco Jaguaribe de Mattos (1910-1952)

Maria Gabriela Bernardino

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/2458>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.2458

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Maria Gabriela Bernardino, «Notas sobre a trajetória do cartógrafo Francisco Jaguaribe de Mattos (1910-1952)», *Terra Brasilis* [Online], 9 | 2017, posto online no dia 30 dezembro 2017, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2458> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.2458>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Notas sobre a trajetória do cartógrafo Francisco Jaguaribe de Mattos (1910-1952)

Maria Gabriela Bernardino

- 1 O texto aqui exposto busca apresentar, em linhas gerais, o desenvolvimento de minha pesquisa de doutorado, intitulada “Mapeando Saberes: a trajetória de Francisco Jaguaribe de Mattos (1910-1952)”.
- 2 Francisco Jaguaribe de Mattos (1881-1974) era membro de uma tradicional família cearense, do tronco Alencar¹ e neto do Visconde de Jaguaribe; optou em seguir para o Rio de Janeiro, onde matriculou-se na Escola Militar e trilhou carreira no exército brasileiro, dedicando 42 anos de sua vida à cartografia da conhecida Comissão Rondon. Seu principal objetivo era a confecção de uma carta para o estado de Mato Grosso.
- 3 Como podemos observar, Francisco Jaguaribe desfrutou de uma vida longa, morrendo aos 93 anos. Diante disso e devido às fontes documentais disponíveis, optei por ressaltar a trajetória profissional e suas obras mais relevantes, produzidas entre 1910 e 1952, com o objetivo de levantar questões que permitam uma incursão a temas mais abrangentes, com destaque para pontos como a integração do Oeste brasileiro e o envolvimento nos congressos internacionais de História das Ciências, ocorridos na década de 1930. Por isso, embora a pesquisa siga um viés biográfico, ressalto que a tese não irá se limitar a narrar exclusivamente a trajetória do indivíduo.
- 4 O enfrentamento de circunstâncias e tensões sociais se fazem presentes na miscelânea que é a incursão biográfica. Afinal de contas, a vida humana apresenta elementos de difícil interpretação e, não necessariamente, é dotada de *sentido*. Não devemos buscar sentido na trajetória de indivíduos ou criar para esta um sentido artificial, como nos adverte Bordieu (1997: 185):

(...) selecionando, em função de uma intenção global certos acontecimentos significativos e estabelecendo conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de

profissional de interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido.

- 5 Além disso, defendo aqui que, embora se deva reconhecer a importância do contexto e dos aspectos sociais que impactam vida de um indivíduo, o biografado, mesmo diante de tantas nuances, também possui suas singularidades que, não necessariamente, são moldadas pelo meio em que vive. Caso contrário, não faria sentido fazermos biografias e sim estudarmos sociedades. *Todo indivíduo só vale por aquilo que o singulariza.* (Dosse: 2009: 57)
- 6 Assim como outros gêneros historiográficos, a biografia, como já abordado aqui, possui seus próprios desafios. Como me reportei quanto à necessidade de ligar os fatos da vida do indivíduo a um suposto sentido, devemos ter cuidado ao buscar uma linearidade cronológica, frequentemente construída pelo pesquisador. Como nos ensina François Dosse (2009: 67) é possível uma escrita biográfica sem linearidade:

O empenho em dar mais eficácia ao relato pode conduzir ao rompimento da linearidade cronológica e à adoção das múltiplas vozes narrativas que participam dos vários registros da temporalidade. O mais das vezes, o biógrafo procura alternar capítulos da tonalidade diacrônica com capítulos de tonalidade temática...
- 7 A definição do tema de minha pesquisa possui sua própria história, que vale comentar. Meu ingresso no doutorado ocorreu através de outro projeto, intitulado *Reinventando a cartografia do Brasil: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1938-1968)*. A ideia central era entender como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tornou-se o principal responsável pela cartografia do país, após um período em que o encargo da carta nacional esteve nas mãos do Estado Maior do Exército e do Clube de Engenharia. No entanto, após a minha admissão na pós-graduação, fui contatada pela família Jaguaribe de Mattos. Beatriz Jaguaribe, a filha de Francisco, que encontrou um trabalho de Iniciação Científica publicado por mim sobre a Carta de Mato Grosso e o cartógrafo Francisco Jaguaribe de Mattos, fruto do projeto “Inventário da natureza do Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1930)”, coordenado por Dominichi Miranda de Sá (COC-FIOCRUZ). A partir do primeiro contato, estabeleci uma relação mais próxima com a família Jaguaribe e pude perceber que, a partir dessa aproximação, poderia ter acesso a uma documentação inédita e relevante para uma pesquisa de doutorado, além de sempre ter desejado trabalhar com biografias, história oral e toda a metodologia que envolve esse tipo de pesquisa.
- 8 Quando me dediquei à cartografia realizada pela Comissão Rondon, percebi que, de certa forma, seu principal personagem, responsável pelos mapas do então Brasil desconhecido, era uma figura eclipsada pela forte imagem de Rondon. Deste modo, considerei viável dar continuidade ao trabalho da iniciação científica para o doutorado.
- 9 Contudo, embora abastecida pelo acervo familiar e a vasta documentação sobre a Comissão Rondon,² as referências a Jaguaribe não são exatamente reveladoras... ³ O cartógrafo pouco escrevia e deixou poucos rastros acerca de suas ideias e modo de trabalho. Entretanto, ele “escrevia” mapas, discreta e silenciosamente.
- 10 Diferentemente do que se poderia imaginar, ao mencionarmos Comissão Rondon, Francisco Jaguaribe era um cartógrafo de gabinete. Assumiu o cargo de Chefe da Seção de Desenho da Comissão Rondon e, posteriormente, do Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso atuando no Escritório Central no Rio de Janeiro.⁴
- 11 Até o presente momento, a pesquisa seguirá três eixos,⁵ a saber:

1. Vida pessoal

- 12 A fim de “humanizar” o personagem, optei pelo uso da História Oral. As entrevistas ocorreram com seu filho Helio Jaguaribe, seu neto Roberto Jaguaribe e, futuramente, farei entrevistas com Anna Maria Jaguaribe, também neta do cartógrafo. Os relatos, em alguns casos, se contrapõem à documentação. Nesse sentido, além da metodologia sobre História Oral, recorri a leituras sobre memória e seus diferentes significados em relação à História (Sarlo, 2007; Loriga, 2010). Passei então a buscar pelo “brilho nos olhos”, pela construção das lembranças ou pelo “pequeno milagre”, descrito tão bem por Paul Ricoeur (2007). Os relatos serão utilizados no decorrer da tese a fim de suavizar a documentação escrita e cartográfica e, sem dúvida, entender melhor o personagem.

2. Comissão Rondon e o Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso

- 13 Como dito anteriormente, Jaguaribe ingressou na Comissão Rondon em 1910 e permaneceu (com algumas interrupções) até a publicação da Carta do Estado de Mato Grosso, em 1952. O Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso foi criado em 1917 e será bastante explorado em minha tese. A fim de se melhor compreender a estruturação deste eixo, apresento uma breve periodização do mesmo:

2.1-Comissão das Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)

- 14 Francisco Jaguaribe ingressou como desenhista da Comissão em 1910, trabalhando com o projeto, mesmo ainda sem existência institucional, de elaborar uma carta do estado de Mato Grosso a partir do amplo material levantado por Rondon e outros membros da comissão em suas expedições.

2.2- Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso (1917-1924)

- 15 O serviço foi criado por meio de um convênio com o próprio estado a fim de atender às intenções de Rondon, pelas empresas instauradas em Mato Grosso e pelo Poder Central. É importante ressaltar que as elites mato-grossenses aparecem como financiadoras do mapa, o que exige levar em conta eus projetos políticos e alianças em nível nacional.
- 16 Nesse período, a questão de limites entre Mato Grosso e Goiás foi levada por Rondon ao 6º Congresso Brasileiro de Geografia (1919), a fim de se obter um veredito.
- 17 A ideia de representar um território tido por desconhecido também era motivada pela oportunidade de apresentar o mapa na Exposição do Centenário da Independência (1922). Entretanto, o tempo não foi suficiente para sua finalização e apenas um esboço foi apresentado na ocasião.
- 18 Com o objetivo de finalizar o mapa, Jaguaribe foi enviado a Paris apedido do General Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa no Brasil, e ali permaneceu até 1930. Na ocasião da sua volta, com a tomada do poder por Getúlio Vargas, ocorreu a dissolução das atividades ligadas à Comissão Rondon.

2.3- Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso (1939-1952)

- 19 Nesse período, o serviço é retomado na política oficial de “Marcha para o Oeste”. Além disso, Rondon passou a presidir o Conselho Nacional de Proteção ao Índio (CNPI) e, com isso, articulou a reativação do Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso, que, de alguma forma, estaria vinculado ao CNPI durante a década de 1940, tendo em vista que algumas expedições tiveram um caráter misto, geográfico e etnográfico.
- 20 É importante deixar claro que embora a tese tenha como foco principal o personagem Francisco Jaguaribe, ela não se deve minimizar a figura de Rondon. Ao contrário: para efeito do trabalho, sua figura é indissociável à de Jaguaribe. Rondon é o articulador, que está à frente de tudo em busca de financiamentos, apoios políticos, acordos... Mas é interessante que alguns trabalhos acadêmicos estejam atualmente lançando luz sobre “figuras secundárias” da Comissão Rondon, como a pesquisa de André Vital (2011) sobre a atuação do médico Joaquim Tanajura no âmbito da agência.

3. Um cartógrafo na História das Ciências

- 21 Após 1932, em uma espécie de exílio por ter lutado em oposição à Vargas na Revolução Constitucionalista de 1932, Jaguaribe muda-se para Portugal. A escolha não foi aleatória: sua esposa era portuguesa e tinha família em terras lusitanas.
- 22 Nesse período, foi convidado a participar do III Congresso Internacional de História das Ciências, que ocorreria em Portugal (1934). A partir desse convite, Jaguaribe teve a oportunidade de apresentar seus estudos sobre as bacias hidrográficas brasileiras, decorrentes em grande medida de suas compilações cartográficas. No evento, mostrou que o continente não seria mais do que uma reunião de ilhas fluviais, sobretudo no Brasil, e que todas as grandes bacias hidrográficas da América do Sul se comunicavam à superfície. Mais tarde, Jaguaribe condensou essas ideias no texto *Lês Idées sur la Physiographie Sud-Américaine* (Mattos, 1936). Como desdobramento de seus estudos, elaborou um Plano de Viação Fluvial para o Brasil na década de 1940, que, no entanto, o plano nunca foi efetivado.
- 23 Por meio da trajetória da Jaguaribe, espero desenvolver as temáticas anunciadas, seus desdobramentos e questões suscitadas, a fim de proporcionar uma melhor compreensão desse personagem singular, seus esforços no que tange à integração de Mato Grosso no projeto nacional brasileiro e seu envolvimento na organização do campo da história da ciência na década de 1930.

BIBLIOGRAFIA

Bourdieu, Pierre (1997). “A ilusão biográfica”. In: Ferreira, Marieta M. e Amado, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

Cardoso, Luciene Carris (2010). “Notas sobre as origens do Escritório Central da Comissão Rondon no Rio de Janeiro”. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo do Estado de São Paulo*. São Paulo: Edição 43.

Dosse, François (2009). *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP.

Loriga, Sabina (2010). “A tarefa do Historiador”. In: Gomes, Ângela de Castro. *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: FGV.

Mattos, F. Jaguaribe de (1936). *Les idées sur la physiographie sud-américaine: (evolution, des idées)*. Lisbonne: s/l.

Ricoeur, Paul (2007). *A memória. A história. O esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Sarlo, Beatriz (2007). *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras.

Vital, André Vasques (2011). Comissão Rondon, doenças e política: “Região do Madeira: Santo Antônio”, de Joaquim Augusto Tanajura – uma outra visão do Alto Madeira em 1911. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.2, pp. 545-557.

NOTAS

1. Francisco Jaguaribe era primo do escritor José de Alencar, autor-chave do romantismo brasileiro.
2. O maior acervo sobre Comissão Rondon está disponível no Museu do Índio. Mais de 80% da documentação se encontra digitalizada.
3. Esperava encontrar no arquivo familiar correspondência com intelectuais e autoridades, notas pessoais, diários, croquis, mapas... O acervo, no entanto, resume-se a fotografias de família e documentos como RG, certidão de óbito e títulos.
4. Para saber mais sobre o Escritório Central da Comissão Rondon ver o trabalho de Luciene Caris Cardoso (2010).
5. Esta listagem não representa necessariamente a ordem em que os temas aparecerão na tese.

AUTOR

MARIA GABRIELA BERNARDINO

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz- FIOCRUZ